



## TEOLOGIA DA CRUZ: UM OLHAR HUMANO AO DEUS CRUCIFICADO

Alex Durães Barbosa\*

### RESUMO:

Frisar-se que somente a teologia da cruz pode libertar Deus dos conceitos dos ídolos e libertar o ser humano de si mesmo. O conceito da cruz sofreu grandes transformações na história, ela passa da loucura para a glória. A cruz reporta ao sofrimento de Cristo e no seu sofrimento encontra-se o sofrimento de Deus e da humanidade. Enquanto simbólica, a cruz faz a mediação do ser humano com o transcendente, é por isso, que ela é por excelência o símbolo cristão, uma vez que o ser humano é um ser simbólico. A cruz não se fecha em si, ela tem uma função social, e a teologia da cruz somente é válida à medida que consegue se inserir ao meio social e libertar a Deus dos conceitos idolátricos e libertar as pessoas do ídolo do êxito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teologia, Deus crucificado, cruz.

Quero iniciar esta reflexão, partindo do pressuposto de que a teologia da cruz nasce de um fato histórico onde houve o rompimento dos direitos humanos<sup>1</sup>. Este fato refere-se, exatamente, sobre a morte de Jesus de Nazaré, pregado em uma cruz. A Jesus foi negado o direito da vida. Até parece “ironia do destino”, pois, foi este mesmo Jesus que dedicou a sua vida, em defesa da vida, e vida em abundância.

“A morte de Jesus é o centro de toda a teologia cristã”<sup>2</sup>. A teologia da cruz surge para despertar os cristãos a voltar em sua origem e em sua missão. A cruz é o símbolo que assegura os cristãos a não se afastarem dos seus objetivos. No núcleo da fé cristã está a história do homem de Nazaré. No centro da história de Jesus está

\* Alex Durães Barbosa, graduado bacharel em filosofia, pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier IFIBE. Acadêmico do 8º semestre do curso de teologia no Instituto Missionário de Teologia IMT/URI. Endereço de contato: [duralexmineiro@yahoo.com.br](mailto:duralexmineiro@yahoo.com.br). Cel: (55) 8145-5388.

<sup>1</sup> Este trabalho é parte integrante do trabalho de conclusão do curso de teologia apresentado e defendido no IMT, cujo título é; “O sentido cristológico da cruz em Jüngen Moltmann”.

<sup>2</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad. Juliano B. de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2011, p 252.

o anúncio aos pobres, marginalizados e discriminados da cercania do Reino de Deus. Este anúncio sobreveio por meio do perdão dos pecados, dos milagres libertadores e sinais promissores.

Para falar de teologia da cruz se faz necessário adentrarmos no que é próprio da fé cristã; a cruz do Deus crucificado. A teologia da cruz nasce na Paixão de Jesus. O Pai da teologia da cruz é o aposto Paulo. Ele foi o primeiro a formular a teologia que temos hoje. Paulo trabalha com o dilema da justificação pela fé contra a justificação proveniente das obras, de modo que surja a libertação do julgo das obras para a justificação.

Em nossa realidade a teologia dogmática, teologia da criação e principalmente a teologia da glória (retribuição) não consegue mais responder aos anseios dos homens. “A teologia da cruz conduz a crítica da Vanglória do ‘ser desumano’ e para a sua libertação, dependendo diretamente da existência humana e prática daquela comunidade escolhida dos fracos, humilhados e desprezados, que a anula e supera as relações de dominação social que possibilita a agressão praticada pelo ser desumano”<sup>3</sup>.

Voltar para a teologia da cruz significa voltar o coração do cristianismo ao fato de Jesus ter sofrido, e, morrido abandonado numa cruz por nossos pecados (1cor 15,13), é voltar ao fato da Páscoa, do mesmo Cristo que foi ressuscitado por Deus. A teologia da cruz conduz o homem para a sua libertação. Na convicção que a teologia da cruz conduz à crítica da vanglória do inumano, Moltmann pensa que,

O conhecimento da cruz é o conhecimento de Deus em seu sofrimento na mão do “ser desumano”, i.e., no oposto de tudo o que o “ser desumano” busca e tenta alcançar como divino. Por isso, esse conhecimento não o aprova, mas o destrói. Ele destrói o deus infeliz e orgulhoso que queremos ser e nos devolve nossa humanidade desprezada e abandonada. O conhecimento da cruz gera um conflito de interesse entre Deus que se fez homem e o homem que quer ser deus. Esse conhecimento destrói a destruição do homem. Aliena ou alienado. Assim leva o “ser desumano” à humanidade<sup>4</sup>

Como bom luterano, Moltmann, tem imbuído a *theologia crucis*, de Lutero. Segundo ele, Lutero foi quem mais se ateuve a teologia da cruz. E para Lutero, “a teologia da cruz é uma doutrina prática de luta [...]. Ela não constata o que é, mas tem a intenção de libertar a humanidade de suas definições desumanas e de suas

<sup>3</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 101.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 102.

constatações idolatras, sobre as quais a humanidade fixou a si mesma e a sociedade”<sup>5</sup>.

Moltmann supera a teologia de Lutero a partir do momento em que Lutero se limita em uma mística do sofrimento e uma submissão humilde. Para Moltmann a teologia da cruz tem que ser crítico libertadora. Ela tem que abordar a eleição dos humildes que envergonha os grandes. A teologia da cruz deve contrapor o Deus crucificado contra a soberba e opressão, contra o anseio de poder e escravidão. Uma teologia da cruz conseqüentemente precisa entender o Deus crucificado em todos os âmbitos; na compreensão do mundo e da história e na transformação da sociedade.

Diante do grito de Jesus por Deus, a teologia torna-se impossível ou ela só é possível como uma teologia cristã específica. A teologia cristã não pode se associar à gritaria de seu próprio tempo e uivar junto com os lobos dominantes. Mas precisa se associar ao clamor dos miseráveis por Deus e por liberdade, oriundo das profundezas do sofrimento deste tempo. Como contemporânea dos sofrimentos deste tempo, a teologia cristã é verdadeiramente uma teologia contemporânea. Se ela pode ser contemporânea ou não, pouco depende da abertura do mundo dos teólogos e suas teorias, e muito mais da sua verdadeira e irrestrita associação ao grito de Jesus por Deus. Comparados ao grito por Deus do Jesus moribundo, os esboços teológicos se despedaçam em sua inadequação. Como a teologia cristã pode falar de Deus diante do abandono de Jesus por parte de Deus? Como a teologia cristã não pode falar de Deus diante do grito de Jesus na cruz? No contexto de sua mensagem divina, a vida de Jesus termina com a pergunta aberta por Deus<sup>6</sup>.

A teologia da cruz deve manter o aspecto escandaloso da morte de Jesus. A reflexão deve está sempre voltada ao caráter amoroso de Deus. Deus antecipou e comunicou em Jesus o futuro de sua justiça libertadora. A teologia da cruz deve sempre mostrar ao ser humano o lado frágil de Deus. O Deus que leva a sério o ser humano a tal ponto que padece baixo as ações da humanidade e pode ser ferida por elas.

É assim que compreendemos a *kenosis* de Deus. “Deus se humilha para entrar na realidade de criatura pecadora. Deus mesmo sofre com o sofrimento da humanidade; sofre com os oprimidos, morre com os mártires, passa fome com os famintos, sofre a enfermidade dos enfermos. Pois, na cruz, Deus se redime a si mesmo, quando redime seu povo”<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 103.

<sup>6</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 198.

<sup>7</sup> BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1980. p. 170.

Para compreender a glória de Deus, é preciso compreender a glorificação do seu povo, ou seja, a glória de Deus se realiza somente quando seu povo é glorificado. Para Bonhoeffer o cristianismo é a religião da redenção e não do sofrimento, mas a redenção da humanidade acontece pelo viés do sofrimento do Deus crucificado, pois, “o sofrimento de Deus é o canal que redime a humanidade. Na cruz Deus ‘pagou o preço de nosso resgate’. A fé em um Deus que sofre com seu povo preserva ao homem contra o desespero e contra o endurecimento”<sup>8</sup>.

“Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte sobre uma cruz” (Fl 2,6-8). Para Moltmann, o aspecto da kenosis de Deus chega ao seu ápice na cruz de Cristo. Deste modo, Deus entra na finitude humana em especial na situação de abandono do próprio Deus. Com Jesus Deus não morre simplesmente uma morte natural, mas, uma morte bárbara, uma morte de pleno abandono.

### ***A cruz como símbolo de contradição***

A cruz do Deus crucificado, desde sua gênese é composta pelas dimensões de aceitação; da conscientização e do reconhecimento da justiça, e a da negação; da loucura, da zombaria e do insulto. A cruz nada mais é um sinal de contradição, entre o que é justo e injusto, entre o bem e o mal. Segundo o evangelista Lucas (23, 35s) a contradição da cruz está presente no momento da própria crucificação, quando Jesus é colocado em meio a dois malfeitores. Um dos malfeitores insultava Jesus, outro, porém, a ele manifestava de misericórdia.

É no símbolo da cruz que a fé cristã reconheceu a dimensão humana e a divina do Deus crucificado. Essas dimensões de alguma forma se inter-relacionam. Cada qual tem sua própria identidade. A experiência humana com a cruz é singular em cada pessoa, embora, ela tem o aspecto social. A cruz não é simbólica em si mesma. Ela é constituída simbolicamente por algum tipo de experiência humana. Para os cristãos a cruz pode ser símbolo de sua fé, ou simplesmente um signo, ou um amuleto. Pode ser símbolo de luta, de um ideal a ser vivido e alcançado ou de simplesmente violência, tortura, atrocidade, barbaridade. No entanto, a cruz

---

<sup>8</sup> BONHOEFFER, 1980, p. 171.

enquanto símbolo é remissiva, envia os cristãos para outra realidade que é a que importa existencialmente.

Metaforicamente falando, a cruz é como uma lente que permite o cristão ver o que sem ela não se vê. Entretanto, “a morte da cruz” pode acontecer pelo conceitualismos; quando o sentido é preso e traduzido em uma linguagem racional. Uma vez que matamos a cruz enquanto símbolo, caímos no vazio existencial-social. A cruz vai a uma só direção; a direção do Deus crucificado. Se ela vai em direção de Jesus, o Deus crucificado, ela chega até aos que estão para fora da realidade social, para os excluídos e marginalizados.

Como diz Moltmann, “a cruz na igreja simboliza uma contradição que vem para dentro dela diretamente da parte de Deus, que foi crucificado ‘lá fora’. Todo símbolo aponta para outro que está além de si”<sup>9</sup>. Nas igrejas Católicas tem se como centralidade, a Mesa da Palavra, a Mesa Eucarística, e a cruz. Pode se dizer que a cruz é o símbolo constituinte das celebrações Eucarísticas. No entanto, a cruz nas Igrejas para Moltmann é o símbolo que remete a Deus, “não àquele que está entre dois castiçais sobre um altar, mas ao que foi crucificado entre dois ladrões no Calvário dos perdidos, diante dos portões da cidade. Ele não apenas convida a reflexão, mas à transformação do pensamento”<sup>10</sup>.

Em sua função social, “a cruz é um símbolo que conduz para fora da igreja e do anelo religioso para dentro da comunhão com os oprimidos e perdidos. E no sentido reverso, ela é um símbolo que chama os oprimidos e os ímpios para a igreja e, por meio dela, para a comunhão do Deus crucificado”<sup>11</sup>.

Ainda hoje não falta a tentação de esvaziar o conteúdo da cruz, afogando-a na idolatria e no esquecimento ou simplesmente no vazio. A cruz pode se tornar um ídolo se esquecermos de seu sentido simbólico. “Esquecida a contradição da cruz e sua inversão dos valores religiosos, ela deixa de ser um símbolo e se torna um ídolo que não convida mais à reflexão, mas que fomenta o fim da reflexão em uma autoaprovação”<sup>12</sup>. Uma vez que a cruz deixa de ser um símbolo, ela se torna um objeto de tortura.

O cristianismo é uma contradição em si mesma, pois Deus que foi crucificado é sua própria contradição. Para superar essa contradição se faz

<sup>9</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 62.

<sup>10</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 62.

<sup>11</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 62.

<sup>12</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 62.

necessário segundo Moltmann, abrir mãos das tradições religiosas, ou seja, libertar-se das necessidades religiosas. Isto implicaria renunciar a identidade que até agora se teve, significa converter-se em anônimo, ganhando assim uma nova cidadania na nova criação de Deus.

Para Moltmann, todas as vezes que o cristianismo teve a pretensão de ser a religião oficial da sociedade, religião dominante, dedicando-se a saciar as ânsias próprias e públicas, acabou se distanciando da Cruz de Cristo, embelezando-a com esperança e ideias de salvação. Se o cristianismo quiser ser presença do Deus crucificado em determinada cultura, deve-se atualizar a cruz em esta cultura. E para Moltmann atualizar a cruz em uma cultura significa,

[...] libertar-se das tradições religiosas; significa libertar-se das necessidades religiosas; não proteger a própria identidade e receber, na fé, a identidade de Cristo; significa tornar-se anônimo e, para receber os direitos de cidadão na nova criação de Deus. Presentificar a cruz em nossa cultura significa praticar a liberdade experimentada do temor de si mesmo; significa não se acomodar nesta sociedade aos seus ídolos e tabus, temores e fetiches, mas, em nome daquele que no passado foi crucificado pela religião sociedade e Estado, se solidarizar com as vítimas atuais da religião, sociedade e Estado, fazendo-se como o Crucificado, irmão e libertador delas<sup>13</sup>.

O Cristo desumanizado na cruz foi motivo de rejeição por parte de muitos cristãos, pois, o Cristo crucificado se contrapunha os conceitos que eles haviam de Deus. Por isso, segundo Moltmann, a fé na cruz distingue da fé cristã do mundo das religiões e das ideologias e utopias seculares na medida em que elas querem substituir a tais religiões. A fé da cruz separa a fé cristã da própria superstição. E aqui, caberia a pergunta, como ser cristão e cidadão ao mesmo tempo sem perder de vista o Crucificado?

A cruz é algo intrínseco na fé cristã. A cruz é e sempre será o símbolo dos cristãos. A cruz é a perspectiva que o cristão não deve perder, pois, ela é a prova da realidade de tudo que dizemos sobre Deus e sobre a vida. Nesta perspectiva da cruz, as palavras sobre Deus não podem ser simplesmente palavras vazias, porque com a cruz Deus uniu-se à realidade, em todos os aspectos da realidade; tanto na morte como na vida, e inclusivo no sofrimento e na morte deste mundo, tão injusto, inumano e incompreensível.

Por chegar a ser um humano, por confrontar e viver tudo o que a vida humana se depara e vive, pode-se crer que Deus está com a humanidade. Nesta

<sup>13</sup> MOLTMANN, 2011, p. 63.

perspectiva, Moltmann percebeu em Auschwitz, entre os gritos de clamores e orações do povo judeu a presença de Deus; pois, na perspectiva da cruz Deus está com o ser humano em todas as coisas inclusive na morte; Deus se faz presente principalmente naqueles que são mortos injustamente. Desta forma o xylon / stauros de Cristo pode ser o símbolo da vida.

### **Mística da cruz**

Voltar à mística da Cruz é o caminho mais seguro de se chegar à luz de Cristo. Isso não significa serem masoquistas, mas contemplar o mistério de amor do Deus crucificado. É a partida da contemplação que conseguiremos perceber que da cruz, somente, à luz.

No momento mais crucial de sua vida Jesus sentindo-se abandonado por Deus clamou; “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mc 15,34). Quem é que diante das dificuldades, da dor e do sofrimento, não clamou a Deus, no silêncio de seu íntimo, com um “grito” de angústia? E por quantas vezes nos sentimos abandonados por Deus? Não é, justamente nos momento de dificuldades e “de cruz”, que nos vemos a sós? A cruz (o sofrimento) faz parte do nosso cotidiano. A angústia humana nos atordoa dia a pós dia. E em muitas vezes chegamos até crer que Deus é impassível ao sofrimento humano. Que sentido a cruz e o sofrimento de Cristo têm haver com o nosso, e como podemos significá-los em nossas vidas?

Para Moltmann a mística que se criou com o sofrimento do Cristo na cruz há descoberto uma verdade de Cristo que não se deve desprezar por uma razão superficial, pois,

[...] os sofrimentos podem ser superados por sofrimentos e feridas podem ser curadas com feridas. Pois o sofrer no sofrimento é falta de amor, as feridas nas feridas são o abandono e a fraqueza na dor é a descrença. Por isso, os sofrimentos do abandono são superados pelo sofrimento do amor, que não assusta ao doente e o infeliz, mas que, para curar, os recebe e os toma sobre si<sup>14</sup>.

É no sofrimento do Deus crucificado, que muitos dos sofredores encontram com o Deus do abandonado na Cruz. O Dom de Deus parece tanto maior quanto mais pobre e fraco for o ser humano que o recebe. E pegando gancho com a teologia paulina, a religião cristã surgiu do pó, do meio dos estultos, dos pobres. É graças a esta mística que o Cristo vitimado, marginalizado, sofredor e moribundo, ocupa o centro da religião dos oprimidos e da piedade dos que buscavam a

<sup>14</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 70.

salvação. Segundo Moltmann a mística do Crucificado sofredor, teve sua retomada durante a segunda guerra mundial e um destes místicos é Bonhoeffer.

Deus se deixou expulsar do mundo pela cruz, Deus é impotente e fraco no mundo e é exatamente por isso que ele está conosco e nos ajuda. Em Mateus 8.17 esta claro que Cristo não ajuda com sua onipotência, mas com sua fraqueza, seu sofrimento! [...]. Apenas o Deus sofredor pode ajudar [...]. Isso é a inversão de tudo o que o homem religioso espera de Deus. Ele é exortado a sofrer o sofrimento de Deus no mundo ímpio (BONHOEFFER apud MOLTSMANN, 2011, p. 70)<sup>15</sup>.

A mística da cruz ganha mais sentido, em uma realidade em que as guerras, os campos de concentração, as ideologias autoritárias, o trabalho monótono, ritmos insuportáveis, horizontes limitados, dimensões ínfimas e miséria das habitações, explorações mistificação, violência, desequilíbrio ambiental etc. parecem gritar por todo lado que Deus Morreu. O silêncio de Deus se faz agudo à consciência humana e o homem ainda está à procura de seu Deus. De certo modo, o homem pode identificar-se com o rosto de Cristo na cruz, abandonado por Deus. Nesse sentido queremos compreender sobre qual significado tem a mística da cruz na religiosidade popular.

#### *O sentido da cruz na religiosidade popular*

Para situarmos dentro da temática, faz-se mister situar especialmente a realidade da América Latina, e para isso, recorreremos aos documentos de Puebla, onde está contida uma análise substancial da realidade, para assim, com Moltmann compreendermos a identificação da religiosidade popular com a Cruz de Cristo neste continente.

A Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla constatou que as angústias do povo latino-americano vêm de sua condição social de pobreza desumana, fruto de situações e estruturas econômicas e políticas.

Elas se estampam no rosto dos índios, dos afro-americanos, dos camponeses dos operários, dos marginalizados, dos favelados, dos subempregados e desempregados, dos jovens desorientados e sem futuro, das crianças golpeadas pela pobreza desde antes de nascer, dos anciãos. E os regimes de forças, implantadas ao longo do Continente, estão na origem de inúmeros desrespeitos à dignidade e aos direitos fundamentais do homem. Constata-se deterioração geral da vida econômica das classes populares, do quadro político, ao lado de um desgaste de valores familiares básicos, da honradez pública e privada. (PUEBLA, 1979, p. 96).

<sup>15</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 70



Dado esta constatação inicial, pode-se compreender o porquê? Moltmann fala que na América Latina, contrário dos países europeu, o povo se identificou com maior facilidade com o Crucificado. Se na Europa as maiores celebrações da comunidade cristã são o natal e a páscoa, na América Latina a maior celebração consiste na “Semana Santa”. Isto porque, o povo latino-americano, há descoberto na cruz de Cristo todo sofrimento que lhe causa as estruturas sociais e seus próprios destinos.

Seu sofrimento e morte era, para eles, um símbolo de seus próprios sofrimentos, ignomínia e atentados em um mundo hostil e desumano. Eles encontram sua sorte no sofrimento. Por isso, eles podiam dizer: Jesus não estava sozinho quando foi pregado na cruz e os soldados romanos lhes transpassaram o lado. Os escravos sofriam com ele e morriam com ele. (...) Através de seu sofrimento e sua morte, Jesus se identificava com os escravizados e tomava o tormento deles sobre si. E ele não estava sozinho em seu sofrimento, eles também não estariam abandonados no tormento da escravidão. Jesus estava com eles. Nisso repousava sua esperança de libertação, por meio de sua ressurreição na liberdade de Deus. Jesus a identidade deles junto a Deus em um mundo que lhes tirou todas as esperanças, destruindo-lhes sua identidade humana, fazendo-a irreconhecível<sup>16</sup>.

No entanto, deve-se ficar atento para que a mística do sofrimento não se acabe em uma autojustificação do sofrimento. Os Agentes de pastorais e teólogos da libertação foram quem se deram conta desta realidade no continente americano. Em suma, muitos fizeram desta mística um instrumento de opressão, numa atitude de autojustificação do sofrimento. Com demasiada frequência exortavam aos camponeses, aos índios e aos escravos para aceitar o sofrimento como “sua cruz” e a não se rebelar contra o opressor<sup>17</sup>.

Moltmann crer que a mística da cruz não pode se convergir somente no aspecto passivo do sofrimento, pois destruiria a peculiaridade da paixão e morte de Jesus Cristo. A morte de Jesus nos relatos dos Evangelhos não fala do sofrimento de Jesus de ordem passiva, enquanto era carpinteiro. Os Evangelhos falam dos sofrimentos e humilhações que surgiram diante das atitudes de Jesus frente à pregação do reino que estava próximo e da atitude de liberdade de Jesus frente à lei religiosa e política.

<sup>16</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 72.

<sup>17</sup> Um aspecto importante que é algo característico latino-americano trata-se sobre as manifestações marianas. Há vários manifestos de Maria, no mundo, porém na América latina tem um toque voltado para a libertação. Caso se assemelha entre Aparecida no Brasil e Lujan na Argentina. Tem um toque especial a Aparição de Guadalupe. Na pessoa de Maria o povo vê sua própria história. Maria é aquela que acompanha Jesus até o calvário. Em Gogolta ela permanece lá aos pés da cruz. Para a piedade popular, Maria é o protótipo de pobreza, de humildade e de perseverança. Ela é o caminho mais seguro para se chegar ao Deus crucificado.

A celebração da via cruces pelos pobres da América Latina é um momento em que acontece a passagem do sofrimento passivo para o ativo. É o culto que frutifica e que atinge a consciência social. Na celebração da via cruces o Cristo é o próximo que sofre no oprimido, no explorado, nos abandonados e sem defesas. A celebração do sofrimento de Cristo na Cruz atualiza o próprio Cristo nos pequeninos do Reino. Contudo, o sofrimento em si anula o Cristo, mas quando este é reavivado à medida que se torna ativo.

Jesus não sofreu passivamente no seu mundo, mas pôs seu mundo contra si através de sua mensagem e vida. Sua crucificação também não lhe sobreveio como um destino terrível, de modo que fosse possível falar de um fracasso heroico, tal como os heróis muitas vezes fracassaram, mas permaneceram heróis para o mundo posterior. De acordo com os evangelhos, Jesus mesmo tomou o caminho para Jerusalém e aceitou ativamente para si os sofrimentos que o aguardavam. Ao anunciar a justiça de Deus aos marginalizados e carentes da graça como direito da graça ele provocou a inimizado dos protetores da Lei. Ao fazer-se “amigo de pecadores e publicanos”, ele fez dos inimigos deles seus próprios inimigos. Recorrendo ao próprio Deus em causa dos ímpios, faz com que os piedosos se virassem contra ele e lançassem na impiedade do Calvário. Quanto mais a mística da cruz reconhece isso, menos ela pode tomar Jesus como exemplo para suportar e submete-se ao destino. Quanto mais ela reconhece sua Paixão ativa, menos pode tomá-lo como arquétipo de suas próprias fraquezas<sup>18</sup>.

A mística da cruz dos oprimidos é a expressão da miséria em que se encontram e implicitamente, é um protesto contra esta miséria. É por isso que na América Latina o Cristo dos pobres há sido sempre o Crucificado e não o Pantocrator . Mas não podemos limitar a mística da cruz somente no viés da miséria humana. Segundo Moltmann ela representa uma expressão da dignidade humana e do respeito a si mesmo na apreciação experimentada por parte de Deus e no amor que creem por parte de Cristo. Já que, nas canções da mística da cruz está contida uma nova experiência da identidade.

Jesus foi aquele que sofreu por causa da Palavra libertadora de Deus. Sua morte se deve ao seu comprometimento de comunhão com os escravizados do mundo. Neste sentido, deve-se compreender a morte de Jesus como a morte do salvador da morte perversa. Cristo é aquele que toma sobre si os sofrimentos por amor das pessoas abandonadas.

Em sua gênese, o cristianismo foi à religião dos ‘humilhados’ e ‘atropelados’, dos pobres e miseráveis, dos excluídos e abandonados. Porém, quando o

<sup>18</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 75-76.

cristianismo se tornou dominante na sociedade acabou se convertendo senhor de opressão. Como seguidor do crucificado o cristão tem-se de ser no mundo alguém totalmente diferente do mundo. Tem-se que agir apaixonadamente pela causa da libertação dos pobres diante dos labirintos de pobreza em que são colocados. O cristão precisa levar a sério a cruz de Cristo nas situações concretas nas que se encontra com o outro.

### ***O grito que marcou a história da cruz: uma oração gritada ou grito de desespero?***

A violência contra o justo não aconteceu somente com Jesus. Se bem que, a história mostra, muito bem, a atrocidade contra os justos. Os justos geralmente (no tempo de Jesus) eram mártires por razões políticas e religiosas. Posto que, a morte do mártir se dá pela sua oposição a certo sistema social, político e religioso. Foi o que aconteceu com Jesus. A consolidação da política com a religião gerou como fruto muitos conflitos que levavam as pessoas a morte.

A morte de Jesus, para os chefes religiosos de sua época ocorreu como blasfemador, por Ele ter assumido para si a proposta do Reino de Deus; para as autoridades romanas, como revolucionário, por ter criticado o sistema político vigente em sua época; para muitos judeus como um profeta, e não como filho de Deus, uma vez que o mal ainda tem grande força no mundo (quando vier o Messias o mal vai se extinguir da terra); para muitos cristãos Jesus morreu como o Filho de Deus, pelo seu testemunho e cercania de Deus. Para Moltmann ele morreu como um abandonado por Deus.

Marcos quando faz referência ao salmo 22 tem em mente a teologia de Isaías que trata do Justo sofredor. A imagem do Justo sofredor é a que mais se aproxima da realidade de Jesus. O grito de Jesus na perspectiva do Justo sofredor não cai no vazio, há uma intervenção libertadora de Deus. Apesar, de a modernidade ter interpretado o grito de abandono como um desesperado que fracassou em sua existência, a perspectiva do grito é, bem mais, uma oração.

Sabemos que Jesus teve uma morte como profeta, no entanto, sua morte extrapola os profetas mártires, como a dos demais mártires, pois, “os mártires morrem com a intenção de que sua morte fosse o último ato em defesa de sua

causa. Desta forma muitos mártires morreram em consequência de sua vida e com sua causa”<sup>19</sup>.

Nas minhas pesquisas que fiz no decorrer deste trabalho, encontrei duas perspectivas na compreensão do grito pronunciado por Jesus na cruz; a) uma leitura do salmo 22 como uma oração pronunciada por Jesus; b) um grito que expressa uma angústia, um clamor, um real abandono.

Para Moltmann, o correto seria interpretar as palavras do Salmo 22 no sentido da situação de Jesus e não interpretar o grito de Jesus no sentido do salmo 22. “No Salmo 22 original, o “meu Deus” em questão é o Deus da aliança de Israel e o “eu” do abandonado, a contraparte da aliança, o justo sofredor. Mas em Jesus, no grito “meu Deus” está todo o conteúdo de sua própria mensagem sobre o Deus misericordioso e que se aproxima, mensagem que o chama muitas vezes de “meu Pai”<sup>20</sup>.

Jesus experimentou a ausência de Deus. As palavras do grito são autênticas, pois, Marcos não iria inventar algo assim. A resposta de Deus ao grito de Jesus foi o silêncio. O silêncio é angustiante. O silêncio de Deus coloca em crise toda existência humana.

Jesus não está só reclamando, tal como o salmista, a fidelidade da aliança de Deus para todo o povo de Israel, mas ele reclama de maneira específica pela fidelidade de seu Pai para com ele, o filho, que o representa. Com as palavras “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” fica evidente que não é apenas a existência de Jesus que está em jogo, mas a sua existência teológica, toda sua anunciação de Deus. Por isso, em última análise, o que está em jogo com seu abandono é a divindade de seu Deus e a paternidade de seu Pai, que Jesus apresentou à humanidade<sup>21</sup>.

A morte de Jesus é diferente dos mártires. Sua morte não foi bela, Jesus teve muito medo, a ponto de sentir tristeza mortal, no horto das Oliveiras. Sua morte foi marcada por um grande grito de dor. Mas o quê realmente diferencia a morte de Jesus com as dos demais? Por outro lado, a morte de Jesus não se diferencia em nada da morte dos rebeldes, criminosos e inconformistas do teu tempo. Jesus foi reduzido à condição humana, fez a experiência da solidão como todas as vítimas da

---

<sup>19</sup> SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 228.

<sup>20</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 193.

<sup>21</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 194.

escravidão. O que diferencia a Morte de Jesus com os demais é a sua entrega ao Pai; entrega que marca toda sua história e todo o seu anúncio.

O grito de Jesus é cheio de mistério. Ele morreu dando um grande grito. O grito é o último recurso dos fracos e dos oprimidos. O grito de Jesus é bem mais um clamor a quem lhe escuta. O homem que grita crer que a sua frente há um interlocutor que os escuta e em quem pode confiar. O grito nasce de uma necessidade extrema. O grito representa os gritos dos abandonados deste mundo; dos inválidos, atrofiados pelo sistema político e religioso; representa a voz dos mudos; dos escravos; e principalmente dos famintos.

Embora a tradição tenha suavizado o grito de Jesus na cruz, em Marcos ele é terrível. O grito de Abandono expressa que o Deus de Jesus se encontra longe e não escuta o seu clamor. Será que este é modo da presença de Deus na vida do homem; a presença em forma de ausência?

No grito de Jesus, encontra algo que distingue dos demais mártires. A morte de Jesus está em relação com o Pai. Sua morte não limita na relação com judeus, defensores da lei, nem com os romanos, defensores políticos, aliás, sua morte, confirma a relação que Jesus tem com o Pai, porém, na morte de Jesus como filho de Deus parece que esta relação com Deus se rompe.

Moltmann destaca três dimensões da morte de Jesus; a primeira que “Jesus foi rejeitado pelos legalistas de seu povo como “blasfemo””; O segundo, ele foi crucificado pelos romanos como revolucionário; o terceiro, “ele morreu verdadeiramente por causa de seu Deus e Pai como “abandonado por Deus””<sup>22</sup>. Essa terceira dimensão é o que distingue a morte de Jesus com as dos demais.

É precisamente essa terceira dimensão da morte de Jesus no abandono de Deus que a teologia da cruz precisa aceitar e pensar seu fim. Quando aquele, que foi abandonado por seu Deus e Pai, for ressuscitado pela “glória do Pai”, então a fé escatológica na cruz de Jesus Cristo precisará reconhecer o processo entre Deus e Deus. A Cruz do Filho separa Deus de Deus ao ponto da total inimizade e indiferença. A ressurreição do Filho abandonado liga Deus a Deus na mais profunda comunhão<sup>23</sup>

A tristeza vivida no Getsêmani, faz com que os discípulos caem em sono profundo (Mc, 14, 32-42). “Abandonado por Deus e pelos discípulos, ele cai por terra. Ela é a única que o sustenta. Jesus preserva a unidade na separação de seu Deus tão somente por meio de auto-renúncia: ‘não seja o que eu quero, e, sim, o

<sup>22</sup> MOLTSMANN, 2011, p 196.

<sup>23</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 196-197.

que tu queres' (Mc 14,36). Com a prece de Jesus rejeitada no Getsêmani começa o silêncio de Deus sob sua morte<sup>24</sup>. Desde Getsêmani Jesus se encontra em profunda solidão. Na cruz, segundo Marcos se sente radicalmente só. "Eloi, Eloi, lamá sabactáni?" (Mc 15, 34).

## REFERÊNCIAS

MOLTMANN, Jürgen. O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad. Juliano B. de Melo. Santo Andre: Academia Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas. Trad. Ilson kayser. Petrópolis: Vozes 1993.

SOBRINO, J. Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

---

<sup>24</sup> MOLTMANN, Jürgen. O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas. Trad. Ilson kayser. Petrópolis: Vozes 1993.